

## FIGURAÇÕES DE PESSOA-PLANTA: TRADUZINDO O POEMA “*LES PUR-SANG*”, DE AIMÉ CÉSAIRE, À LUZ DOS ENSAIOS DE SUZANNE CÉSAIRE

Ana Cláudia Romano Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Há conversa, convivência e convergência entre os ensaios de Suzanne Roussi Césaire e os poemas de Aimé Césaire. Lilian Pestre de Almeida, no posfácio da edição de *A grande camuflagem* (2021), aponta algumas delas: passagens de Aimé citadas por Suzanne e passagens de Suzanne retomadas e retrabalhadas por Aimé. Ambos interrogam a identidade martinicana e seu cruzamento específico de passado colonial, presente assimilado e futuro desejado; em ambos são recorrentes figurações da natureza e, particularmente, na poesia de Aimé Césaire, figurações de pessoa-planta. Apresento aqui a noção de pessoa-planta formulada em dois ensaios de Suzanne Césaire e a tradução comentada do poema “*Les pur-sang*”, de Aimé Césaire, que figura poeticamente essa noção.

**Palavras-chave:** Suzanne Césaire; Aimé Césaire; *Les pur-sang*; literatura francófona; pessoa-planta

**Abstract:** There is conversation coexistence and convergence between Suzanne Roussi Césaire’s essays and Aimé Césaire’s poems. Lilian Pestre de Almeida, in the afterword to the edition of *A grande camuflagem* (2021), points out some of them: passages from Aimé quoted by Suzanne and passages from Suzanne taken up and reworked by Aimé. Both interrogate Martinican identity and its specific intersection of colonial past, assimilated present, and desired future; in both recur figurations of nature, and particularly, in Aimé Césaire’s poetry, figurations of person-plant. I present in this paper the notion of plant-person formulated in two essays by Suzanne Césaire and an annotated translation of Aimé Césaire’s poem “*Les pur-sang*”, which poetically figures this notion.

**Key words:** Suzanne Césaire; Aimé Césaire; *Les pur-sang*; Francophone literature; plant-person

Em 2021, a editora Papéis Selvagens, do Rio de Janeiro, publicou a tradução dos ensaios de Suzanne Roussi Césaire, na tradução feita por Júlio Castañon Guimarães, com

---

<sup>1</sup> Ana Cláudia Romano Ribeiro é professora de literaturas de língua francesa no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Fez seu doutorado em Teoria e História Literária na Universidade Estadual de Campinas e, na mesma universidade, um pós-doutorado na área de Linguística/Letras Clássicas. Desenvolve projetos nos campos da tradução, artes visuais, escrita e performance. Seus últimos livros publicados são *A casa das pessoas* (poemas, 7Letras, 2023) e *A vida de Deise*, com Deise Abreu Pacheco (tirinhas, Hucitec, 2022). Estão no prelo a *Utopia* (1516) de Thomas More (Editora da UFPR), que ela traduziu, anotou e organizou, e *O fragmento 31 de Safo e outros poemas* (Urutau). No campo das literaturas caribenhas, fez uma resenha desenhada de um livro de Dany Laferrière (*Criação & Crítica* 32, 2022) e traduziu, em parceria com alunos seus, contos de ficção-científica de Ketty Steward (*Alere*, 24, 2, 2021, *Criação & Crítica* 32, 2022) e uma peça de teatro de Évelyne Trouillot (*Rônai*, 8, 2, 2020). E-mail: acrribeiro@unifesp.br.

posfácio de Lilian Pestre de Almeida. O volume intitula-se *A grande camuflagem. Escritos de dissidência (1941-1945)* e contém a totalidade dos escritos de Suzanne Césaire que se conhecem hoje: são sete ensaios publicados em *Tropiques*, uma revista literária que durou quatorze números – a mais importante das Antilhas, segundo Daniel Maximin (CÉSAIRE, 2021, p. 11; 2015, p. 7-8). Foi ele quem um dia reuniu e organizou os sete ensaios assinados por Suzanne Césaire no volume *Le grand camouflage. Écrits de dissidence (1941-1945)*, publicado em 2009, de onde partiu a edição brasileira.

Suzanne Césaire, nas palavras de Magdalena Toledo, é uma “escritora e professora martinicana anticolonialista e feminista, que dialogou, com seu estilo incisivo e sofisticado, com o movimento da negritude e o surrealismo” (2022, p. 1). Sua memória ficou praticamente apagada até 2009. Até pouco tempo ela foi raramente citada pelos estudiosos da cultura caribenha, ainda que tenha discutido problemas que reapareceriam mais tarde em autores como Frantz Fanon e Édouard Glissant. Até o momento, encontrei apenas um estudo aprofundado sobre ela: o livro de Anny-Dominique Curtius, publicado em 2020, *Suzanne Césaire. Archéologie littéraire et artistique d’une mémoire empêchée*.<sup>2</sup>

Suzanne Césaire nasceu em 1915 e morreu em 1966, aos 51 anos, de um câncer no cérebro. Ela teve quatro filhos e duas filhas; uma delas é a antropóloga e escritora Ina Césaire, cujas obras começaram há pouco tempo a ser traduzidas no Brasil.<sup>3</sup>

Neste breve estudo, quero aproximar os ensaios da Suzanne Césaire da poesia de Aimé Césaire, seu marido e parceiro intelectual, seguindo algumas pistas fornecidas por Lilian Pestre de Almeida no posfácio da edição brasileira de *A grande camuflagem*. Mais especificamente, em um primeiro momento, vou tratar da noção de pessoa-planta que aparece em “Leo Frobenius e o problema das civilizações” e em “Mal-estar de uma civilização”, dois ensaios de Suzanne Césaire. Em seguida, apresento minha tradução comentada de um poema de Aimé Césaire, “*Les pur-sang*”, que é praticamente a tradução, em poesia, do discurso teórico de Suzanne.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> O livro de Curtius me foi indicado por outra martinicana, Annick Belrose, professora da Universidade Federal do Amapá, a quem sou muito grata.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, as pesquisas de Jéssica Pozzi e Samanta Siqueira, que resultaram na tradução dos *Contos de noite e de dia nas Antilhas*, publicado em Porto Alegre pela editora Figura de Linguagem em 2021. Ver também *A voz antilhana registrada por Ina Césaire: desafios de tradução da oralitura em Contes de nuits et de jours aux Antilles*, de Samanta Siqueira (Porto Alegre, Class, 2019), entre outras produções dessas duas pesquisadoras.

<sup>4</sup> Uma primeira versão deste texto, da tradução de “*Les pur-sang*” e da vocalização bilíngue desse poema de Césaire foi apresentada em 09/02/2023 no II Colóquio Trans|posições: Travessias em|entre Artes verbais, na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, a convite de Guilherme Gontijo Flores. Em seguida, em 25/03/2023, apresentei uma segunda versão do texto, da tradução e da performance no Centro de Pesquisa e Formação do SESC, a convite do Consulado Geral da França em São Paulo, no âmbito da Semana da

Além dos sete ensaios publicados na revista *Tropiques*, sabe-se, por depoimentos, que Suzanne escreveu uma peça de teatro intitulada *Aurore de la liberté*, baseada na novela *Youma* (1890), de Lafcadio Hearn – Youma é o nome de uma escrava de pele branca e a história se passa nas então chamadas Índias Ocidentais, ou seja, nas Antilhas. Anny-Dominique Curtius entrevistou algumas pessoas que fizeram papéis na peça (cuja estreia se deu em 26 de abril de 1952, em Fort-de-France), mas ninguém tinha um exemplar dela (cf. CURTIUS, 2021, p. 60-66). Portanto, além dos sete ensaios de Suzanne Césaire, ainda não foi encontrado nenhum outro texto de sua autoria.

A revista *Tropiques* foi fundada na Martinica por René Mênil, Aristide Maugée, Lucie Thésée, Suzanne Césaire e Aimé Césaire – todos eles eram professores; Suzanne e Aimé trabalhavam no liceu Victor Schoelcher, em Fort-de-France.

A época de publicação da revista *Tropiques* – Segunda Guerra Mundial – era dura: havia penúria de alimentos, de combustíveis e até de papel para publicar o periódico, por causa do bloqueio dos Aliados, já que a Martinica era governada pelo Almirante Robert, alinhado ao governo do marechal Pétain que, em 1940, depois da derrota francesa, assinou um armistício com a Alemanha e assumiu um governo autoritário e colaboracionista com sede em Vichy.

A resistência caribenha não tardou a se organizar. O Haiti declarou guerra à Alemanha nazista antes dos Estados Unidos, e as Antilhas se organizaram em um movimento de dissidência – inclusive, Dissidência será o nome assumido pela resistência organizada pelos antilhanos que se juntarão aos Aliados e aos representantes da França Livre. Muitos deles conseguirão escapar clandestinamente de bote até as ilhas inglesas vizinhas, Dominica e Santa Lúcia.

Foi nesse contexto político tumultuoso que os quatorze números da revista *Tropiques* foram publicados, e nem sempre foi fácil: a revista foi algumas vezes censurada, chegando a ser proibida em 1943.

Suzanne Césaire era responsável por levar os números da revista *Tropiques* ao serviço de informação do almirante Robert e por solicitar a quantidade de papel necessária para imprimi-la. Daniel Maximin relata:

---

Francofonia, juntamente com Ligia Fonseca Ferreira, na mesa “Literatura antilhana e traduções: diálogos cruzados em torno de Suzanne Césaire, Aimé Césaire e Frantz Fanon”. Por fim, em 15/02/2023, apresentei e discuti a tradução do poema em uma reunião do coletivo Anáguas, composto por Ismar Tirelli Neto, Katia Maciel, Livia Flores, Consuelo Lins e Rodrigo Moretti. Meus agradecimentos a todas as pessoas com quem pude dialogar sobre o presente trabalho de forma a chegar a esta versão.

o capitão-tenente que a recebia aquiescia, no conjunto, com o sumário bem apresentável que ela lhe propunha: brilhantes aulas para as últimas séries sobre Mallarmé, Péguy, Alain, Maeterlink, Debussy, Lautréamont, propícias para acalmar os espíritos dos alunos descontentes, exóticas apresentações da alma africana ou do hinduísmo, lendas crioulas ou cubanas sobre animais, eruditos inventários de botânica tropical e do folclore. E, sobretudo a onipresença da poesia, pão vital sem penúria, e pão abençoado para desviar a atenção da censura sob as máscaras do formalismo abstrato, da precisão botânica, da obscuridade surrealista e do “desregramento de todos os sentidos”, em que somente os distraídos e os censores não viam que era preciso ler todos esses textos entre as linhas, sobretudo até a última frase, desconfiando dos títulos e dos inícios anódinos (...) (CÉSAIRE, 2021, p. 13-14)

E foi assim que os números de *Tropiques* passaram pela censura, de 1941 até 10 de maio de 1943, quando a revista foi proibida. Por fim, felizmente, a Dissidência martinicana foi bem-sucedida, o almirante Robert foi preso e a revista pôde continuar a ser publicada; o número seguinte será lançado em 1944, depois da Libertação de Paris.

Uma das questões importantes da Martinica diz respeito à relação da ilha com a França metropolitana, primeiro em contexto colonial, depois no contexto da descolonização por assimilação, sempre muito marcado, claro, pelas tensões e cicatrizes do passado colonial. Vale lembrar que Paulette Nardal é umas das pioneiras a pensar a origem dessas questões com tantas camadas políticas, éticas, socioeconômicas e culturais em um artigo que ela publica na *Revue du monde noir* em 1932, “*Éveil de la conscience de race*” (“Despertar da consciência de raça”)<sup>5</sup>.

No período final da Segunda Guerra Mundial, antes da libertação de Paris, em 1944, Aimé Césaire e Suzanne Césaire vão para o Haiti a convite da Resistência (que tinha sede na Argélia), para dar aulas de literatura por um semestre em um curso destinado a formar profissionais da *Éducation Nationale* (órgão oficial equivalente ao nosso Ministério da Educação), que se tornariam professores de liceu.<sup>6</sup> Aimé dá aula para os homens e Suzanne para as mulheres. Aimé Césaire também foi chamado a representar as Antilhas francesas num congresso internacional de Filosofia e foi nomeado como uma espécie de adido cultural em Porto-Príncipe. Em uma carta de 25 de julho de 1944, Suzanne Césaire comenta, com ironia, a ambiguidade da posição de seu marido, chamado para ser, nas palavras dela, um “autêntico embaixador da cultura francesa”, ou seja, ele foi chamado para ser, nas palavras de Curtius, “o

---

<sup>5</sup> Tradução minha.

<sup>6</sup> Conforme um documentário intitulado *Suzanne Roussi Césaire, une femme sur tous les fronts 1915-2015*, de Huguette Bellemare, e conforme uma carta de Suzanne Césaire, ambos citados no livro de Curtius (2020, p. 57).

tradutor da glorificação de um universalismo colonial francês” (CURTIUS, 2020, p. 57-58) que tanto ela quanto o próprio Aimé colocavam em questão.<sup>7</sup>

Aimé Césaire permanece no Haiti de maio a dezembro de 44, enquanto Suzanne Césaire fica de maio a outubro. Esse é um momento em que “a França está reforçando seu poder colonial e reconstruindo sua identidade política (...) e, por outro lado, o Haiti está consolidando sua emancipação cultural e política” (CURTIUS, 2020, p. 55-56). É o Haiti que inspira Suzanne Césaire a articular um pensamento sobre a particularidade martinicana e sobre as Antilhas como um todo: é no Haiti que ela vai “elaborar e consolidar paradigmas críticos e antropológicos inovadores” e noções como as de “corpo-planta” e “lucidez da paisagem” (CURTIUS, 2020, p. 59), entre outras, que foram identificadas e estudadas por Anny-Dominique Curtius, e com as quais eu estou dialogando.

A noção de pessoa-planta encontra-se formulada já no primeiro dos sete ensaios de Suzanne Césaire. Nele, ela apresenta a distinção que o antropólogo alemão Leo Frobenius faz, na sua *História da civilização africana*<sup>8</sup>, entre dois tipos de matrizes civilizacionais: a civilização do homem-planta ou civilização etíope e a civilização do homem-animal, também chamada de civilização hamítica. Esses dois paradigmas culturais estariam, segundo ele, enterrados nas profundezas da consciência dos povos da Europa, Ásia e América, mas poderiam ser encontrados em estado quase puro na África. Para Frobenius, o ser humano não criou essas civilizações, elas são apenas a expressão de uma “potência orgânica que o ultrapassa infinitamente”, a paideuma, “força secreta e terrível” (CÉSAIRE, 2021, p. 27):

Concepção grandiosa, que abarca o devir humano em seu conjunto; admirável exigência que quer de um homem que ele aprenda com todos os outros homens de todos os tempos. Ciência que não é mais apenas ordem luminosa, dominação espiritual dos fatos, mas busca de um conhecimento íntimo, de uma realidade secreta revelada na própria força-vida. (CÉSAIRE, 2021, p. 28, grifo meu)

Essa “realidade secreta revelada na força-vida” parece ser o que Suzanne Césaire buscará conhecer em relação à Martinica e à diáspora africana na Martinica quando ela lê em Frobenius que “a África não significa (...) apenas ampliação em direção a outro lugar, significa também aprofundamento em nós mesmos” (CÉSAIRE, 2021, p. 30).

---

<sup>7</sup> Esta e as outras traduções do livro de Curtius são minhas.

<sup>8</sup> *Kulturgeschichte Afrikas* (1933), de Frobenius, foi traduzido por H. Back e D. Ermont e publicado com o título *Histoire de la civilisation africaine* em 1936, pela editora Gallimard.

O que caracteriza cada uma dessas duas matrizes civilizacionais? Suzanne Césaire explica:

A civilização etíope é ligada à planta, ao ciclo vegetativo. Ela é sonhadora, inteiramente voltada para si, mística. O etíope não procura compreender os fenômenos, apreender e dominar os fatos externos a ele. Deixa-se viver, numa vida idêntica à da planta, confiando na continuidade da vida: germinar, crescer, florescer, dar frutos e o ciclo recomeça. (...) o etíope quase nunca é capaz de exprimir, de projetar externamente. (...)

O hamita é ativo, consciente dos fatos externos, aos quais ele se opõe e que é preciso vencer para subsistir. Nunca se entrega às coisas, mas se esforça para as dominar pela força ou por práticas mágicas. (CÉSAIRE, 2021, p. 29)

A paideuma, explica Suzanne, move-se em direções múltiplas, por movimentos em que o ser humano “é apreendido” pela essência dos fenômenos, “por sua realidade secreta, íntima”; essas sequências de súbitas apreensões se dão “assim como a força vital vai de mutações em mutações entre a diversidade das espécies vivas”. A história, para Frobenius, é o conjunto dessas apreensões simultâneas e múltiplas, que se deram em muitos lugares e épocas, e estão “ligadas umas às outras numa complexidade cada vez maior” (CÉSAIRE, 2021, p. 31).

O pensamento de Frobenius interessa a Suzanne Césaire tanto por suas elaborações quanto pelo seu teor poético. Ela dirá que a filosofia frobeniana “é Poesia”, é “o mundo recriado” (CÉSAIRE, 2021, p. 31). Além disso, ela expõe “uma discussão fundamental em um contexto de colonialismo, no qual imperavam premissas evolucionistas que foram, ademais, aprofundadas pelo contexto brutal de racismo durante o período do regime colaboracionista de Vichy na ilha” da Martinica (TOLEDO, 2022, p. 2).

É neste seu primeiro ensaio que Suzanne introduz, na revista *Tropiques*, a ideia frobeniana de homem-planta, aproximando essa formulação de uma busca identitária específica martinicana, emancipada do regime colonial: “Agora é urgente ousar conhecer-se a si mesmo, ousar confessar-se o que se é, ousar perguntar-se o que se quer. Aqui, também, homens nascem, vivem e morrem. Aqui, também, desenrola-se o drama inteiro.” A citação final do ensaio, um verso de Aimé Césaire que cita o Antigo Testamento (Jó 38:3; 40:7), nuança, porém, a formulação frobeniana enunciada por Suzanne: “É tempo de cingir os rins como um homem valente” (CÉSAIRE, 2021, p. 32-33), ou seja, é tempo de preparar-se para a luta. Para Lilian Pestre de Almeida, essa citação incide sobre a apresentação que Suzanne faz dos paradigmas frobenianos e projeta um futuro na forma de uma proposta de “articulação da prática etíope à prática ‘hamítica’ para alcançar maior eficácia na vida social” (em

CÉSAIRE, 2021, p. 91). Esse preparar-se para a luta cingindo os rins, contudo, figura a abstenção de prática violenta mediante autocontrole, ou seja, trata-se de uma escolha (prática hamítica), e não um deixar-se levar (que caracteriza a civilização etíope). Segundo Almeida,

A expressão ‘cingir os rins’ (...) muito comum especialmente no Velho Testamento, exige o conhecimento da medicina antiga para que se compreenda o seu significado. Os rins eram considerados os órgãos da cólera, assim, “cingir os rins” significa conter-se, controlar, segurar ou ter domínio sobre suas paixões (2009, p. 2)

### **“Les pur-sang”: comentários à tradução**

Neste primeiro ensaio de Suzanne Césaire, “Leo Frobenius e o problema das civilizações”, e também nos seguintes, há um projeto estético que é também um chamado à compreensão da Martinica a partir de um pensamento autônomo, emancipado, expresso teoricamente por ela e realizado na poesia por Aimé Césaire. No mesmo número da *Tropiques* em que a Suzanne publica sua primeira entrada teórica nesse projeto estético, Aimé Césaire publica um poema longo intitulado “Fragments d’un poème”, que depois se chamará “*Les pur-sang*” (“Os puros-sangues”).<sup>9</sup> Apresentarei, nesta seção, trechos do poema de Aimé Césaire, articulando-os com a reflexão de Suzanne Césaire e comentando algumas das dificuldades de tradução.

Esse poema começa com um “eu” que é, sobretudo, *um eu que ouve* (“Et voici par mon ouïe”/ “E eis por minha audição”); o poema é cheio de evocações de sons, sons da natureza, imperceptíveis, lancinantes, sons de cavalos relinchando, sons de respirações de velhos, sons da água, sons de flores abrindo, um vulcão em erupção e muitos outros sons, variados – um enxame de barulhos de coisas em movimento. É muito significativo que a epígrafe (de Rimbaud) jogue a nossa atenção para o sentido da vista e que, em seguida, leia-se no primeiro verso uma menção ao sentido da audição. De fato, o poema é marcado por um “eu narrador” *entendant* (ou seja, que ouve, que escuta), mais do que um *eu voyant* (vidente, que vê, que enxerga). *Ver com os ouvidos* parece ser o que sugere essa epígrafe juntamente com o poema que se segue.

---

<sup>9</sup> Traduzo o poema “*Les pur-sang*” seguindo a versão publicada no primeiro número de *Tropiques*, que pude consultar em sua versão fac-similar graças a Pierre Clemens, a quem agradeço por ter me emprestado seus dois volumes da importante reedição anastática de 1978, que contém todos os números da revista. “*Les pur-sang*” integra também, com algumas reformulações, o volume de poemas *Les armes miraculeuses* (CÉSAIRE, 1970).

*Je dis qu'il faut être  
voyant, se faire voyant.  
(Rimbaud)*

[“Eu digo que é preciso ser  
vidente, fazer-se vidente.”]

Leiamos o início do poema, no original e na minha tradução:

Et voici par mon ouïe tramée de crissemments  
et de fusées syncoper des laideurs rêches,  
les cent pur-sang hennissant du soleil,  
parmi la stagnation.

Ah! je sens l'enfer des délices  
et par les brumes nidoreuses imitant de floches  
chevelures – respirations touffues de vieillards  
imberbes – la tiédeur mille fois féroce  
de la folie hurlante et de  
la mort!

Mais comment, comment ne pas bénir,  
telle que ne l'ont point rêvée mes logiques,  
dure, à contrefil lézardant leur pouacre ramas  
et leur saburre, et plus pathétique  
que la fleur fructifiante,  
la gerce lucide des déraisons?

Et j'entends l'eau qui monte,  
la nouvelle, l'intouchée, l'éternelle,  
vers l'air renouvelé.

E eis, por minha audição tramada de estridores  
e de fogos sincopar feiuras ásperas,  
os cem puros-sangues relinchando do sol  
no meio da estagnação.

Ah! eu sinto o inferno das delícias  
e pelas brumas nidorosas imitando serpentinas  
cabeleiras – respirações ramalhadas de velhos  
imberbes – a tepidez mil vezes feroz  
da uivante loucura e da  
morte!

Mas como, como não abençoar,  
de um jeito que sequer sonharam minhas lógicas,  
dura, a contrapelo fendendo seu acúmulo imundo  
e sua saburra, e mais patética  
que a flor frutificante,  
a greta lúcida das desrazões?

E eu ouço a água que sobe  
a nova, a intocada, a eterna,  
na direção do ar renovado.

Nesses versos iniciais de “*Les pur-sang*”, a primeira dificuldade de tradução encontra-se no substantivo “*fusées*”. Segundo Henane e Rudelle (2013), essa palavra está em um contexto em que as referências sonoras preponderam: “*ouïe, crissemments, hennissements, sonorité musicale aiguë. La fusée est un trait diatonique éclatant, fort rapide qui, en montant et en descendant, unit deux notes séparées par un grand intervalle*” (“audição, estridores, relinchos, sonoridade musical aguda. Os fogos [*La fusée*] são um traço diatônico vistoso, muito rápido que, subindo ou descendo, une duas notas separadas por um grande intervalo”, tradução minha).<sup>10</sup> Pareceu-me que “fogos”, no sentido de fogos de artifício (a acepção II A do verbete “*fusée*” no Trésor de la Langue Française disponível online no site do Centre

<sup>10</sup> As definições citadas em Henane e Rudelle constam no *Glossaire des termes rares dans l'oeuvre d' Aimé Césaire* (2004).

National de Ressources Textuelles et Lexicales<sup>11</sup>), caberia aqui, pois essa palavra evoca os sons identificados por Henane e Rudelle e, com ela, ganhamos a imagem do fogo, tão pertinente a este poema que narra uma erupção vulcânica – é bom lembrar que a Martinica tem um vulcão ativo, o monte Pelée, símbolo eloquente de vida e de morte.

As “*floches chevelures*” tornaram-se “serpentinhas cabeleiras”. O adjetivo *floche* indica tecido ou trama de um tecido cuja torção é suave; em sentido metafórico ou figurativo, ele designa o que é mole, flácido (cf. verbete “*floche*”, TLFi/ CNRTL). Cabeleiras são compostas de fios, logo, a imagem dos fios em torção e o formato que um fio adquire quando retirado de uma mecha, ondulado, me sugeriu a imagem de uma serpente que faz meneios, ondula (cf. Houaiss, verbete “serpentino”). “Serpentino” traz também uma referência ao modo como Lilian P. de Almeida caracteriza a poesia do *Cahier d’un retour au pays natal*: “verdadeiro discurso serpente” (CÉSAIRE, 2012, p. 93); essa definição também pode ser aplicada aos poemas reunidos em *Les armes miraculeuses*, dos quais fazem parte “*Les pur-sang*”, poema sinuoso e enigmático. O próprio Aimé Césaire (apud HÉNANE; RUDELLE, 2013) dirá que “*le Cahier d’un retour au pays natal, c’est un petit peu, et c’est même tout à fait, le poème de la prise de conscience, et la délimitation du domaine. Les armes miraculeuses, c’est l’exploration en profondeur de ce domaine*” (“o Caderno de um retorno ao país natal é um pouco e completamente o poema da tomada de consciência e a delimitação do campo. *Les armes miraculeuses* é a exploração em profundidade desse campo”, tradução minha).

O verbo *lézarder* participa da longa pergunta que constitui a quarta estrofe, além de qualificar “*la gerce lucide des déraisons*”: “a greta lúcida das desrazões” é “dura”, porém, “a contrapelo”, *lézarde*/ fende/ racha “o acúmulo imundo” e a “saburra” das lógicas do eu do poema. Arnold e Eshleman, tradutores da poesia completa de Aimé Césaire para o inglês, traduziram o participípio presente “*lézardant*” por “*cracking*” (ARNOLD, 2017, p. 69). Testei um regionalismo brasileiro, “lagarteando”, que, como verbo intransitivo significa, assim como em francês, “fender”, “rachar”, mas também “ziguezaguar” como um lagarto (cf. verbete “lagartear” no Houaiss), o ziguezague figurando a rachadura. Jacqueline Leiner (2003, p. 25) nos lembra que Césaire recorria a um vocabulário amplo, dos campos da biologia, da patologia, da mineralogia, da zoologia, da botânica, mas também do período medieval, recorrendo inclusive a termos antigos do espanhol e do normando, léxico bíblico, sobretudo do Antigo Testamento, além de vocabulário específico da fauna e da flora caribenhas e de palavras do crioulo martinicano. Optando por um regionalismo brasileiro, pensei que operaria

<sup>11</sup> Nas próximas referências a esse dicionário, indicaremos apenas as iniciais TLFi/ CNRTL.

uma equivalência com o termo em francês nascido no século XIX (cf. informa o verbete “*lézarder*” do CNTRL), que, contudo, não é regional. Porém, incomodou-me o fato de “lagartear” evocar um registro muito diverso (informal, regional) de “*lézarder*” (padrão), então voltei a “fendendo”.

O poema segue com um prenúncio de erupção vulcânica e avança com uma invocação a Deus, a Enos e a Taudeni. Enos é uma personagem bíblica, neto de Adão, filho de Sete e, segundo Gênesis 4:26, foi no tempo dele que os homens começaram a invocar Deus. No poema, o narrador pede a Taudeni que o salve de Enos. Mas o que é Taudeni? Taudeni é uma cidadela situada no Mali, uma mina de sal no meio do deserto do Saara. Segundo Lilian Pestre de Almeida, essa cidadela é um símbolo do paganismo que, aqui, salva o “eu” do poema de um “monoteísmo redutor”; ela também vê nessa referência uma possível alusão à viagem de Rimbaud à África e, “no fundo”, um pedido que Aimé Césaire faz “à África pagã de libertá-lo do jugo judeu-cristão exacerbado pela leitura de Claudel e de Péguy” (ALMEIDA, 2019, p. 137, tradução minha).

Leiamos mais um trecho:

Dieu, comment ai-je pu oublier Dieu,  
moi  
roi de vastes azurs,

Deus, como eu pude esquecer Deus,  
eu  
rei de vastos azuis,

Dieu, je veux dire la liberté et pour ma joie  
l'éternité?

Deus, quero dizer a liberdade e para meu gozo  
a eternidade?

Enos! Enos!  
Mon émanation barbote dans la mare  
de sa naissance plurielle avec une  
puissante volupté

Enos! Enos!  
Minha emanção chafurda no charco  
de seu nascimento plural com uma  
poderosa volúpia

Taoudéni, Taoudéni, délivre-moi  
d'Enos!

Taudeni, Taudeni, liberte-me  
de Enos!

Nesse trecho do poema temos uma palavra de registro poético, *azurs*, que optei por tradutor por outra que, ainda que não pertença ao mesmo registro, me permite manter certa equivalência sonora e visual, já que possibilita a manutenção do mesmo número de sílabas no verso e retoma “azu-“, mesmo sendo o “u” do francês pronunciado diferentemente (y\).

A tradução de *joie* por “gozo” segue opções de tradução que encontramos na Bíblia, colocando em paralelo as ocorrências desses dois vocábulos nas traduções em francês e em português no Antigo Testamento (caro a Césaire) da *Bíblia de Jerusalém* (por exemplo, em

Isaías 51:11) ou da Bíblia Almeida Corrigida Fiel (Ester 8:16, Isaías 29:19, Salmos 21:6, Jó 20:18, entre outros versículos). Além disso, optar por “gozo” me traz à lembrança a poesia provençal, lida por Césaire, em que o termo *joi* ou *ioi* “é um conceito-chave, pois, se designa ‘alegria’ e ‘júbilo’, por outro lado, é um termo que remete a ‘gozo’ em todas as suas acepções em português, por ser derivado de *gaudium* em latim” (FLORES, 2022, p. 143). Optei pela palavra mais curta de forma a me aproximar do original não apenas pela semântica, mas também pelo número de sílabas e pelo ritmo.

Sigamos na leitura do poema. Depois do que pode ser entendido como uma libertação do cristianismo trazida pela África pagã, pela cidadela do sal, o eu do poema passa por experiências fortes de morte e de vida que levam ao limite o fato de ele ser um ser humano. Ele prossegue, com imagens de aprofundamentos ancestrais e de uma preparação para algo que vai chegar:

On enfonce, on enfonce comme dans  
une musique.

Afundamos, afundamos como em  
uma música.

Radiolaires.

Radiolários.

Nous dérivons à travers votre sacrifice.

Derivamos através de seu sacrifício.

Refoulements enfouis! désirs, désirs  
processionnels désirs!

Recalques enterrados! desejos, desejos,  
processionais desejos!

D’un dodelinement de vague, je saute  
ancestral aux branches de ma  
végétation.

De um embalo de onda, eu salto  
ancestral nos galhos de minha  
vegetação.

Je m’égare aux complications  
fructueuses.

Perco-me nas complicações  
frutuosas.

Je nage aux vaisseaux

Nado para os barcos.

Je plonge aux écluses.

Mergulho nas eclusas.

Où, où, où vrombissent les hyènes  
fienteuses du désespoir?

Onde, onde, onde zunem as hienas  
estercorosas do desespero?

O poema caminha para sua conclusão com a ampliação dos sentidos de um eu que se afina com o paradigma etíope frobeniano do homem-planta:

À mesure que se mourait toute chose,  
Je me suis, je me suis élargi – comme le monde –  
et ma conscience plus large que la mer!  
Dernier soleil.  
J’éclate. Je suis le feu, je suis la mer. Le  
monde se défait. Mais je suis le monde!

À medida que se morria toda coisa,  
Eu me fui, eu me fui alargando – como o mundo –  
e minha consciência mais larga que o mar!  
Último sol.  
Rebento. Sou o fogo, sou o mar. O  
mundo se desfaz. Mas eu sou o mundo!

La fin, la fin, disions-nous.

Quelle sottise! Une paix proliférante  
d’obscures puissances. Branchies, opacules,  
palmes, syrx, pennes. Il me pousse  
invisibles et instants par tout le corps,  
secrètement exigés, des sens.

Et nous voici pris dans le sacré  
tourbillonnant ruissellement primordial  
au recommencement de tout.

La sérénité découpe l’attente en prodigieux  
cactus.

Tout le possible sous la main.  
Rien d’exclu.  
Le monde véritablement pour la première  
fois total

Et je pousse, moi, l’Homme  
stéatopyge assis  
en mes yeux des reflets de marais, de honte,  
d’acquiescement  
– pas un pli d’air ne bougeant aux  
échancrures de ses membres –  
sur les épines séculaires,

Je pousse, comme une plante  
sans remords et sans gauchissement  
vers les heures dénouées du jour  
pur et sûr comme une plante  
sans crucifiement  
vers les heures dénouées du soir!

La fin! Quelle sottise!  
Mes pieds vont le vermineux cheminement  
Plante!  
mes membres ligneux conduisent d’étranges sèves  
Plante! Plante!

O fim, o fim, dizíamos.

Que tolice! Uma paz proliferante  
de obscuras potências. Brânquias, opérculos,  
palmas, seringas, plumas. Brotam em mim,  
secretamente exigidos, invisíveis e instantes  
por todo o corpo, sentidos.

E aqui estamos presos ao sagrado  
turbilhonante gotejamento primordial  
no recomeço de tudo.

A serenidade parcela a espera em prodigiosos  
cactos.

Todo o possível embaixo da mão.  
Nada excluído.  
O mundo verdadeiramente pela primeira  
vez total

E eu broto, eu, o Homem  
esteatopígio sentado  
em meus olhos reflexos de pântano, de vergonha,  
de aquiescência  
– nenhuma dobra de ar movendo-se nas  
chanfraduras de seus membros –  
sobre os espinhos seculares.

Eu broto, como uma planta  
sem remorsos e sem deformação  
na direção das horas desatadas do dia  
puro e seguro como uma planta  
sem crucifixão  
na direção das horas desatadas da noite!

O fim! Que tolice!  
Meus pés vão verminosa caminhada  
Planta!  
meus membros lenhosos conduzem estranhas seivas  
Planta! Planta!

A primeira dificuldade de tradução desse trecho está no segundo verso, “Je me suis, je me suis élargi – comme le monde”. Aimé Césaire costuma recorrer a estranhamentos sutis na morfologia e na sintaxe do francês, como se ele olhasse com olhos estrangeiros para a língua francesa. Faço aqui uma aposta: a repetição do “Je me suis” (“suis” aqui é o verbo auxiliar de “s’élargir”: “je me suis élargi” = “eu me alarguei”), cujo sentido se completa em “élargi, je me suis élargi”, está aqui não apenas para musicalmente repetir uma parte da construção verbal, mas também para colocar ênfase no sujeito, no verbo ser e no pronome reflexivo, num eu que é, sendo para si. Uma espécie de figuração da autonomia do fato de ser de um ser, do fenômeno de ser de uma pessoa, do ser de um pessoa-planta que prolifera. É um

estranhamento sutil, disfarçado de coloquialidade, porque não é feito, por exemplo, com um neologismo, com algo que escancara o estranhamento, então eu tentei manter a naturalidade do estranhamento mantendo o sujeito explícito, o pronome reflexivo e o verbo ser, com “Eu me fui, eu me fui alargando”. Traduzi o particípio passado por um gerúndio, o que me pareceu enfatizar o processo do alargamento. Outra possibilidade seria considerar *suis* como primeira pessoa do presente de *suivre* / “seguir”: “Eu me sigo, eu me sigo alargado”. Essa opção duplica o sujeito, o que segue e o que é seguido são a mesma pessoa-planta, comparável ao mundo que se alarga. Finalmente, escolhi a primeira opção porque preferi a sonoridade do gerúndio e a presença do verbo “ser”, não sem pesar por perder a dupla valência semântica de “*suis*”.

Na terceira estrofe, resalto a tradução e o reposicionamento de “sentidos” (*des sens*) em “Brotam em mim,/ secretamente exigidos, invisíveis e instantes/ por todo o corpo, sentidos” (“*Il me pousse/ invisibles et instants par tout le corps,/ secrètement exigés, des sens*”). Penso ser importante manter a posição final do substantivo “sentidos”, que “brota” ao final da estrofe, figurando o que dizem esses versos. Não poderia mantê-lo, porém, ao lado do particípio “exigidos”, que sugestionaria o entendimento de “sentidos” como sendo outro particípio, por isso desloquei “secretamente exigidos” para o penúltimo verso, de forma a tentar evitar essa ambiguidade.

Nota-se, ao final do trecho citado, um ritmo que se intensifica pelas exclamações, pela repetição de “*plante*” e por regularidades como as repetições das terminações de “*gauchissement*” e “*crucifiement*”, que traduzi por “deformação”/ “crucifixão”.

Outra dificuldade de tradução está na última estrofe desse trecho: “*Mes pieds vont le vermineux cheminement*”, que pode perder seu estranhamento sintático caso se acrescente ao verso uma preposição: “Meus pés vão *pela* verminosa caminhada”, formulação mais próxima da língua portuguesa normativa. Pesquisando-se a regência do verbo ir no TLFi/ CNRTL, encontramos: “*aller à*”, “*aller en*”, “*aller sur*”, “*aller dans*” (mais raro), “*aller de*” em linguagem específica de certas áreas, mas nunca *aller* + artigo + substantivo. Essa construção pode evocar outras, similares, encontradas em textos de língua francesa anteriores ao século XVII, mas talvez haja aqui uma sintaxe martinicana – isso é algo que merece ser pesquisado com mais detença e aprofundamento. Por enquanto, estou considerando que há um estranhamento em se usar esse verbo sem preposição no francês deste poema, estranhamento que busco replicar na minha construção sem preposição: “meus pés vão verminosa caminhada”.

A ideia de homem-planta/pessoa-planta também é desenvolvida no ensaio “Mal-estar de uma civilização”, em francês, “*Malaise d’une civilisation*”, quinto texto da Suzanne Césaire, publicado no quinto volume da revista *Tropiques*, em abril de 1942.<sup>12</sup>

Suzanne inicia esse seu ensaio apontando uma lacuna: não se encontra, na produção literária martinicana, a expressão do eu coletivo martinicano, que ela diz estar presente nas lendas e contos, “uma criatura doentia, sensível, às vezes zombeteira (...)” Em seguida ela pergunta: “Por que no passado nos preocupamos tão pouco em falar de nossa inquietação ancestral de modo direto?” (CÉSAIRE, 2021, p. 53). E continua, resumindo a história da Martinica: ilha tropical, “condições atrozes da transplantação brutal” de africanos para o solo Martinicano, um povo marcado pela “submissão indispensável, sob pena do chicote e da morte, a um sistema de ‘civilização’, a um ‘estilo’ ainda mais estrangeiro aos recém-chegados que a terra tropical” e, depois da abolição da escravidão, o grande erro, o erro dos martinicanos pensarem em derrotar os colonizadores adotando o “estilo” dos colonizadores (CÉSAIRE, 2021, p. 54). É nesse ponto que Suzanne pergunta: O que é o martinicano? E a resposta é direta como uma flecha: “O homem-planta”. A partir deste ponto o ensaio praticamente traduz conceitualmente o “Fragments d’un poème”, de Aimé Césaire que, por sua vez, já era uma espécie de tradução em poema desse primeiro ensaio de sua esposa. Vamos ouvir então a Suzanne Césaire:

Que é o martinicano?

- O homem-planta.

Como ela, [ele é] entrega ao ritmo da vida universal. Nada de esforço para dominar a natureza. Mediocre agricultor. Talvez. Não digo que ele faz a planta crescer; digo que ele cresce, que ele vive em planta. Sua indolência? a do vegetal. Não diga: “ele é preguiçoso”, diga: “ele vegeta”, e você estará duplamente na verdade. Sua expressão preferida: “deixe levar”. Entenda que ele se deixa levar pela vida, dócil, leve, não enfático, não-rebelado – amigável, amorosamente. De resto, obstinado, como só a planta sabe ser. Independente (independência, autonomia da planta). Entrega a si, às estações, à lua, ao dia mais ou menos longo. Colheita. E sempre e por toda parte, nas menores representações, primado da planta, a planta pisoteada mas vivaz, morta, mas renascente, a planta livre, silenciosa e altiva.

Abre os olhos – Nasce uma criança. A deus a confiar? Ao deus Árvore. Coqueiro ou Bananeira, entre as raízes da qual se enterra a placenta.

Abra os ouvidos. Um dos contos populares do folclore martinicano: a erva que cresce no túmulo é a cabeleira viva da morta, que pretexta contra a morte. Sempre o mesmo símbolo: a planta. Sentimento vivo de uma comunidade vida-morte. Em suma, *sentimento etíope da vida*.

---

<sup>12</sup> Em uma conversa informal, Deise Abreu Pacheco me fez notar que o título desse ensaio ecoa o título de uma obra quase homônima do Freud, traduzida para o francês como *Malaise dans la civilisation*, “Mal estar na civilização”. Haveria muito a se dizer sobre essa semelhança, mas não é este o objetivo do presente artigo.

Portanto, o martinicano é tipicamente etíope? Nas profundezas de sua consciência é o homem-planta, e se identificando à planta, seu desejo é de se entregar ao ritmo da vida.

Essa atitude é suficiente para explicar seu fracasso no mundo?

Não – o martinicano fracassou porque, desconhecendo sua natureza profunda, tenta viver uma vida que não lhe é própria. (CÉSAIRE, 2021, p. 54-55)

Neste ensaio, assim como no primeiro, ela nuança a figuração do martinicano como homem-planta identificando nele aspectos do homem-animal hamítico formulado por Frobenius. Se no primeiro o aspecto hamítico tinha valência positiva, aqui ele tem uma conotação negativa. Suzanne percebe onde está:

o drama sensível para aqueles que analisam em profundidade o eu coletivo do povo martinicano: seu inconsciente continua a ser habitado pelo desejo etíope de entrega. Mas sua consciência, ou antes, sua pré-consciência aceita o desejo hamítico de luta. Corrida à fortuna. Aos diplomas. Arrivismo. Luta reduzida à medida da burguesia. Corrida às macaquices. Feira das vaidades. (CÉSAIRE, 2021, p. 56)

O projeto estético formalizado nos ensaios de Suzanne Césaire parte de Frobenius e converge, *mutatis mutandis*, com o Surrealismo quando mergulha nas profundezas da identidade martinicana para lidar com um problema cultural crucial: a decolonização do pensamento. Suzanne Césaire formula implicitamente o que Dominique Curtius chama de uma “ecopoética caribenha”, uma “teoria cultural e civilizacional fundamentalmente centrada na natureza” (CURTIUS, 2020, p. 297); ela reconfigura “a percepção, a ideia e o conhecimento das paisagens terrestres e marítimas caribenhas, assim como o equilíbrio político e histórico necessário a essas paisagens para além do pitoresco, do exotismo, do hedonismo ou de devaneios românticos” (CURTIUS, 2020, p. 297-298).

A formulação desta pessoa-planta faz parte de um projeto estético que é também político, de Suzanne Césaire e de seu grupo reunido na revista *Tropiques*, que olha para as marcas profundas do colonialismo na cultura assimilacionista e na vida cotidiana martinicana, buscando potencialidades éticas e estéticas para viver de modo emancipado.

### **Últimas notas sobre a tradução e o poema completo, em francês e em português**

Antes de apresentar a tradução do poema em sua integralidade, listarei abaixo alguns termos que apresentaram desafios de tradução.

- “*Une fleur de cádmium*”: a palavra “*flueur*” encontra-se dicionarizada apenas no plural; no TLFi/ CNRTL lemos que, como termo literário, ela significa “*écoulement*” (“escoamento”, “derramamento”) e, como termo da área da medicina, ela é uma palavra caída em desuso para designar “leucorreia”; o *Thresor de la langue francoyse tant ancienne que moderne* (t. I, 1606, em *DICTIONNAIRES D'AUTREFOIS*) a entende como sinônimo de menstruação: “*Flueurs de femmes*, id est, Fluores, Menstrua, vulgo *Les fleurs*” (“as flores”). Inicialmente, para manter os dois sentidos, escoamento e flores, eu havia traduzido “*une flueur*” por “floral fluxão”, mas, como já havia a palavra “flor” na estrofe anterior, decidi deixar apenas “uma fluxão”, termo da área médica que o Houaiss define como “escoamento anormal ou excessivo de líquido para determinada parte do corpo”.<sup>13</sup>

- “*nopals*”: esse termo encontra-se no glossário de Hénane, que é referido em Hénane e Rudelle (2013):

Botanique : Mot espagnol venant de l'aztèque *nopalli*. Plante cactacée d'Amérique (*Euphorbia lactea*), encore appelée opuntia ou oponce (de la ville d'Oponite en Locride); figuier de barbarie dont les fruits sont comestibles (voir le mot *euphorbe*). Une espèce de nopal du Mexique nourrit la cochenille et donne une teinture rouge.

Botânica: Palavra espanhola que vem do asteca *nopalli*. Planta cactácea da América (*Euphorbia lactea*), chamada ainda de *opuntia* ou opúncia (da cidade de Opunte, em Lócrida); figo de barbárie cujos frutos são comestíveis (ver a palavra *euphorbe*). Uma espécie de nopal do México alimenta a cochonilha e produz uma tintura vermelha.

Se seguirmos a explicação de Hénane e Rudelle, veremos que há muitas correspondências para “*nopal*”: *Euphorbia lactea* pode ser rabo de sereia, opúncia, figo de barbárie, eufórbia, que não são idênticas. Há também a forma “*nopal*” em português, que por fim escolhi por ser igual à palavra francesa e porque, por enquanto, minha tradução pretende ser o mais literal possível, sempre que couber.

- “*Qui/ rifle/ et rafle*”: é evidente a brincadeira sonora neste trecho. Depois de pensar em pares como “Quem raspa”/ “e rapa” e “Quem caça”/ “e cata”, abandonados por causa do tom muito oral e informal de “rapa” e “cata” em relação ao léxico de Césaire, optei por “Quem arranha”/ “e apanha”, ainda que ao custo de traduzir dissílabos por trissílabos.

- “*Coeur brouillé*”: inicialmente pensei em “coração baralhado”, depois “coração tumultuado”, mas essas soluções me pareceram muito longas para as três sílabas poéticas do francês. Por fim, servindo-me de uma sinédoque, para manter o ritmo trissilábico, encontrei “peito em caos”.

<sup>13</sup> Sobre a tradução para o espanhol deste e de outros termos de “*Les pur-sang*”, ver Lécivain, 1989.

- “*bombement*”: segundo o TLFi/ CNRTL, *bombement* é o “*État de ce qui est bombé; convexité, renflement*” (“estado do que é arqueado; convexidade, inchação/intumescência”); optei por bombeamento, seguindo a acepção 5 do verbete “bombear” do Houais: “dar forma arredondada a, abaular, bolear”.

Passemos, finalmente, à tradução do poema.

“*Les pur-sang*” (*Tropiques*, 1, 1941)

Et voici par mon ouïe tramée de crissements  
et de fusées syncoper des laideurs rêches,  
les cent pur-sang hennissant du soleil,  
parmi la stagnation.

Ah! je sens l’enfer des délices  
et par les brumes nidoreuses imitant de floches  
chevelures – respirations touffues de vieillards  
imberbes – la tiédeur mille fois féroce  
de la folie hurlante et de  
la mort!

Mais comment, comment ne pas bénir,  
telle que ne l’ont point rêvée mes logiques,  
dure, à contrefil lézardant leur pouacre ramas  
et leur saburre, et plus pathétique  
que la fleur fructifiante,  
la gerce lucide des déraisons?

Et j’entends l’eau qui monte,  
la nouvelle, l’intouchée, l’éternelle,  
vers l’air renouvelé.

Ai-je dit l’air?

Une flueur de cádmium, avec, géantes éleveurs  
expalmées de cêruse, de blanches mèches  
de tourmente.

Essentiel paysage!

Taillés à même la lumière, de fulgurants nopals,  
des aurores poussantes, d’inouïes blanchissements,  
d’enracinées stalactites porteuses de jour.

Ô ardentes lactescences! Prés hyalins!  
Neigeuses glanes!

Vers les rivières de néroli docile des haies  
incorruptibles mûrissent de mica lointain  
leur longue incandescence.

La paupière des brisants se referment – Prélude –  
Audiblement des youcas tintent  
dans une lavande d’arc-en-ciel tièdes,  
des huettes picorent des mordorures.

“*Os puros-sangues*”

E eis, por minha audição tramada de estridores  
e de fogos sincopar feiuras ásperas,  
os cem puros-sangues relinchando do sol  
no meio da estagnação.

Ah! eu sinto o inferno das delícias  
e pelas brumas nidorosas imitando serpentinas  
cabeleiras – respirações ramalhadas de velhos  
imberbes – a tepidez mil vezes feroz  
da uivante loucura e da  
morte!

Mas como, como não abençoar,  
de um jeito que sequer sonharam minhas lógicas,  
dura, a contrapelo fendendo seu acúmulo imundo  
e sua saburra, e mais patética  
que a flor frutificante,  
a greta lúcida das desrazões?

E eu ouço a água que sobe,  
a nova, a intocada, a eterna,  
na direção do ar renovado.

Eu disse ar?

Uma fluxão de cádmio com, empolas gigantes  
palmificadas de alvaiade, brancas mechas  
de tormenta.

Essencial paisagem!

Talhados rente à luz, fulgurantes nopais,  
auroras brotantes, inauditos branqueamentos,  
enraizadas stalactites que carregam o dia.

Oh, ardentes lactescências! Campos hialinos!  
Nevadas respigas!

Perto dos riachos de neroli dócil sebes  
incorruptíveis amadurecem de mica longínqua  
sua longa incandescência

A pálpebra dos rochedos à flor d’água se fecha – Prelúdio –  
Audivelmente iucas tintinam  
em uma lavanda de arco-íris tépidos  
corujas bicam reflexos mordorados

Qui  
rifle  
et rafle  
le vacarme, par delà le coeur brouillé de ce  
troisième jour?

Qui se perd et se déchire et se noie  
dans les ondes rouges du Siloé?

Rafale.  
Les lumières flanchent. Les bruits rhizulent  
la rhizule  
f  
u  
m  
e  
silence!

Le ciel bâille d'absence noire!

Et voici passer  
vagabondage sans nom  
vers les sûres nécropole du couchant  
les soleils, les pluies, les galaxies  
fondus en fraternal magma.

Et la terre, oubliée la morgue des orages,  
qui dans son roulis ourle des déchirures  
perdue, patiente, debout  
durcifiant sauvagement l'invisible falun,  
s'éteignit.

Et la mer fait à la terre un collier de silence,  
la mer humant la paix sacrificielle  
où s'enchevêtrent nos râles, immobile avec  
d'étranges perles et de muets mûrissements  
d'abysse,

la terre fait à la mer un bombement de silence  
dans le silence.

et voici la terre seule,  
sans tremblement et sans trémoulement  
sans fouaillage de racine  
et sans perforation d'insecte

vide,

vide comme au jour d'avant le jour...  
- Grâce! grâce!  
Qu'est-ce qui crie grâce?  
Point avortés, amassements taciturnes, jeûnes  
hurrah pour le départ lyrique  
brûlantes métamorphoses  
dispenses foudroyantes

feu, ô feu!

Quem  
arranha  
e apanha  
o alarido, para além do peito em caos deste  
terceiro dia?

Quem se perde e se rasga e se afoga  
nas ondas avermelhadas do Siloé?

Rajada.  
As luzes fraqueiam. O barulhos rizulam.  
a rizula  
es  
fu  
ma  
ça  
silêncio!

O céu boceja de ausência negra!

E eis passar  
vagabundagem sem nome  
rumo às seguras necrópoles do poente  
os sóis, as chuvas, as galáxias  
fundidos em fraternal magma.

E a terra, esquecida a morgue das tempestades,  
que em seu balanço linda lanhos  
perdida, paciente, de pé  
endurecendo ferozmente o invisível fálum,  
se apagou.

E o mar faz para a terra um colar de silêncio,  
o mar sorvendo a paz sacrificial  
onde emaranham-se nossos estertores, imóvel com  
estranhas pérolas e mudos amadurecimentos  
de abismo,

a terra faz para o mar um bombeamento de silêncio  
no silêncio

e eis a terra sozinha,  
sem tremor e sem tremedeira  
sem açoitamento de raiz  
e sem perfuração de inseto

vazia,

vazia como no dia antes do dia...  
- Misericórdia! Misericórdia!  
O que é que clama por misericórdia?  
Punhos abortados, amontoamentos taciturnos, jejuns  
hurra pela partida lírica  
metamorfoses que queimam  
dispensas fulminantes

fogo, oh fogo!

Les volcans tirent à bout portant  
 Les villes par terre, dans un grand bris d'idoles,  
 dans le vent mauvais des prostitutions  
 et des sodomies.  
 Les villes par terre et le vent soufflant  
 parmi l'éclatement fangeux de leur chair  
 le rugissement excrémental!

Ici gît du béton l'obscur gemme aride  
 Ici gît sous cette cendre le dollar de la lune  
 borborygme  
 ô borborygme  
 de ce monde sous la cendre.

La terre ne joue plus avec le blés.  
 La terre ne fait plus l'amour avec le soleil  
 La terre ne réchauffe plus des eaux dans le creux  
 de sa main  
 La terre ne se frotte plus la joue avec des touffes  
 d'étoiles.  
 Sous l'oeil du néant suppurant une nuit  
 La terre saquée doucement, derive  
 éternellement.

La grisaille suinte à mes yeux, alourdit mes  
 jarrets, paresse affreusement le long de mes bras.  
 Moi à moi!  
 Fumée  
 f  
 u  
 m  
 é  
 e  
 de la terre

Entendez-vous parmi le vétiver le cri fort  
 de la sueur?

La route  
 Oh! la route par les doigts et les paumes  
 de la Mort, la route  
 par la soif et l'amitié de la Mort  
 béante comme l'amour!

la route, oh! ma dérouté  
 parmi les signes  
 parmi  
 les pierres...

Dieu, comment ai-je pu oublier Dieu,  
 moi  
 roi de vastes azurs,

Dieu, je veux dire la liberté et pour ma joie  
 l'éternité?

Enos! Enos!

Os vulcões atiram a curta distância  
 Cidades derrubadas em um grande despedaçamento de ídolos,  
 no vento ruim das prostituições  
 e das sodomias.  
 As cidades no chão e o vento soprando  
 em meio ao rebentamento enlameado de sua carne  
 o rugido excrementício!

Aqui jaz do cimento a obscura gema árida  
 Aqui jaz embaixo desta cinza o dólar da lua  
 borborigmo  
 oh borborigmos  
 deste mundo sob a cinza.

A terra não brinca mais com os trigos.  
 A terra não faz mais amor com o sol  
 A terra não aquece mais águas na palma  
 de sua mão  
 A terra não esfrega mais a bochecha nos tufo  
 de estrelas.  
 Sob o olho do nada supurando uma noite  
 A terra saqueada suavemente deriva  
 eternamente.

A grisalha escorre a meus olhos, pesa meus  
 jarretes, demora-se horivelmente ao longo de meus braços.  
 Eu a mim!  
 Fumaça  
 f  
 u  
 m  
 a  
 ç  
 a  
 da terra

Vocês estão ouvindo entre o vetiver o grito alto  
 do suor?

O caminho  
 Oh! o caminho pelos dedos e as palmas  
 da Morte, o caminho  
 pela sede e a amizade da Morte  
 escancarada como o amor!

o caminho, oh! meu descaminho  
 entre os signos  
 entre  
 as pedras...

Deus, como eu pude esquecer Deus,  
 eu  
 rei de vastos azuis,

Deus, quero dizer a liberdade e para meu gozo  
 a eternidade?

Enos! Enos!

Mon émanation barbote dans la mare  
de sa naissance plurielle avec une  
puissante volupté

Taoudéni, Taoudéni, délivre-moi  
d'Enos!

Des philosophes, des morales, d'inouïes tentatives  
d'exaltation et d'épurement, des prières, des hosannahs,  
des Ninives et des Babylones métaphysiques sur le  
cinabre profilent parmi un grouillement de flammes  
héraldiquement vrillantes des renforts basaltiques.

Mais moi homme! Rien qu'homme!  
Ah! ne plus voir avec les yeux.  
N'être plus une oreille à entendre!  
N'être plus la brouette à évacuer le  
décor!  
N'être plus une machine à déménager  
les sensations!

Ah!  
Je veux le seul, le pur trésor,  
Celui qui fait largesse des autres.  
Je veux la vie!  
Fût-ce au prix de la Mort!

Homme!  
Mais ce début me fait moins qu'homme  
Quelle torpeur! ma tête stupidement  
ballotte.  
Ma tête rongée est déglutie par mon  
corps.  
Mon oeil coule à pic dans la chose  
non plus regardée mais regardante.

Homme!  
Et voici l'assourdissement violet  
qu'officialise ma mémoire terrestre,  
mon désir frappé aux états simples.  
Je rêve d'un bec étourdi d'hibiscus  
et de vierges sentences violettes  
s'alourdissant aux lézards avaleurs  
de soleil  
l'heure bat comme un remords  
la neige d'un soleil  
aux caroncules crève, la patte levée,  
le monde...

Ça y est. Atteint. Comme frappe  
la mort brutale. Elle ne fauche pas.  
Elle n'éclate pas. Elle frappe silencieusement  
au ras du sang, au ras  
du coeur, comme un ressentiment,  
comme un retour de sang.  
Floc!

Médullairement!

Minha emanção chafurda no charco  
de seu nascimento plural com uma  
poderosa volúpia

Taudeni, Taudeni, liberte-me  
de Enos!

Filosofias, morais, inauditas tentativas de exalação e de  
purificação, orações, hosanas,  
Nínives e Babilônias metafísicas sobre o cinabre perfilam entre  
um fervilhamento de chamas heraldicamente verrumantes dos  
reforços basálticos.

Mas eu, homem! Nada mais que homem!  
Ah! não mais ver com os olhos.  
Não ser mais uma orelha que escuta!  
Não ser mais o carrinho de mão que desocupa  
o cenário.  
Não ser mais uma máquina de mudar de lugar  
as sensações!

Ah!  
Quero o único, o puro tesouro,  
Aquele do dom generoso dos outros.  
Eu quero a vida!  
Ainda que ao preço da Morte!

Homem!  
Mas este início me faz menos que homem!  
Que torpor! minha cabeça estupidamente  
sacode.  
Minha cabeça roída é engolida pelo meu  
corpo.  
Meu olho num triz soçobra na coisa  
não mais olhada mas olhante.

Homem!  
E aqui o ensurdecimento violeta  
que oficia minha memória terrestre,  
meu desejo bate nos estados simples.  
Eu sonho com um bico atordoado de hibiscos  
e com virgens sentenças violetas  
pesando nos lagartos engolidores  
de sol  
a hora bate como um remorso  
a neve de um sol  
de carúnculas fura, com a pata levantada,  
o mundo...

Pronto. Atingido. Como golpeia  
a morte brutal. Ela não ceifa.  
Ela não rebenta. Ela golpeia silenciosamente  
ao rés do sangue, ao rés  
do coração, como um ressentimento,  
como um retorno de sangue.  
Floc!

Medularmente!

C'est bon.

Je veux un soleil plus brillant et de plus  
pures étoiles!

Je m'ébroue en une mouvance d'images,  
de souvenirs néritiques, de possibles  
en suspension, de tendances-larves,  
d'obscurs devenir;

les habitudes font à la vase liquide  
de trainantes algues – malheureusement,  
des fleurs éclatent.  
Floc!

On enfonce, on enfonce comme dans  
une musique.

Radiolaires.

Nous dérivons à travers votre sacrifice.

Refoulements enfouis! désirs, désirs  
processionnels désirs!

D'un dodelinement de vague, je saute  
ancestral aux branches de ma  
végétation.

Je m'égare aux complications  
fructueuses.

Je nage aux vaisseaux  
Je plonge aux écluses.

Où, où, où vrombissent les hyènes  
fienteuses du désespoir?

Non. Toujours ici torrentueuses  
cascadent les paroles.

Silence.

Silence par delà les rampes  
sanguinolentes,

par cette grisaille et cette  
calcination inouïe.

Enfin, lui,  
ce vent des méplats, bonheur,  
le silence

Mon cerveau meurt dans une illumination  
avec de fumantes aigrettes d'or fauve,  
un bourrelet tiédi de circonvolution par  
un ricanement de palmes strié  
fond  
une titillation duvetée nage, nage, nage  
brindilles, forêt, lac  
aérienne une biche.

Oh! un vide d'incendie. Tortures.

Está bem.

Quero um sol mais brilhante e mais  
puras estrelas!

Eu me banho em uma movência de imagens  
de lembranças neríticas, de possíveis  
em suspensão, tendências-larvas,  
obscuros futuros;

os hábitos fazem na vasa líquida  
arrastantes algas – malamente,  
flores se abrem.  
Floc!

Afundamos, afundamos como em  
uma música.

Radiolários.

Derivamos através de seu sacrifício.

Recalques enterrados! desejos, desejos,  
processionais desejos!

De um embalo de onda, eu salto  
ancestral nos galhos de minha  
vegetação.

Afasto-me das complicações  
frutuosas.

Nado para os barcos.  
Mergulho nas eclusas.

Onde, onde, onde zunem as hienas  
estercorosas do desespero?

Não. Sempre aqui torrentosas  
cascateiam as palavras.

Silêncio

Silêncio para além das rampas  
sanguinolentas,

por esta grisalha e esta  
calcinação inaudita.

Enfim, ele,  
este vento dos achatamentos, felicidade,  
o silêncio

Meu cérebro morre em uma iluminação  
com fumantes penachos de ouro fulvo,  
uma almofada de crina morna de circunvolução por  
uma chacota de palmas estriada  
fundo  
uma titilação penugenta nada, nada, nada  
galhos secos floresta lago  
aérea uma corça.

Oh! um vazio de incêndio. Torturas.

Où où où  
vrombissent les hyènes fienteuses du désespoir?

Renversé sur ma lassitude,  
à travers la gaze, des bouffées tièdes  
irradient mon inexistence fluide  
une saveur meurt à ma lèvre  
une flèche file, je ne sais pas.

Frisson. Tout le vécu pétarade avec des reprises.

Les bruits se donnent la main et s'embrassent  
par dessus moi.  
J'attends. Je n'attends plus.  
Délire.

Néant de jour  
Néant de nuit  
une attirance douce  
à la chair même des choses  
éclabousse.

Jour diurne  
nuit nocturne  
qu'exsude  
la Plénitude

Ah!

Le derniers des derniers soleils tombe.

Où se couchera-t-il sinon en Moi?

À mesure que se mourait toute chose,  
Je me suis, je me suis élargi – comme le monde –  
et ma conscience plus large que la mer!  
Dernier soleil.  
J'éclate. Je suis le feu, je suis la mer. Le  
monde se défait. Mais je suis le monde!

La fin, la fin, disions-nous.

Quelle sottise! Une paix proliférante  
d'obscures puissances. Branchies, opacules,  
palmes, syrinx, pennas. Il me pousse  
invisibles et instants par tout le corps,  
secrètement exigés, des sens.

Et nous voice pris dans le sacré  
tourbillonnant ruissellement primordial  
au recommencement de tout.

La sérénité découpe l'attente en prodigieux  
cactus.

Tout le possible sous la main.  
Rien d'exclu.  
Le monde véritablement pour la première

Onde onde onde  
zunem as hienas estercorosas do desespero?

Derribado sobre minha lassitude,  
através da gaze, baforadas tépidas  
irradiam minha inexistência fluída  
um sabor morre no meu lábio  
uma seta passa eu não sei.

Arrepio. Todo o vivido petarda sem cessar.

Os ruídos dão-se as mãos e se beijam  
acima de mim.  
Eu espero. Não espero mais.  
Delírio.

O nada do dia  
O nada da noite  
Uma atração suave  
na própria carne das coisas  
respinga.

Dia diurno  
noite noturna  
que exsuda  
a Plenitude

Ah!

O último dos últimos sóis cai.

Onde se porá senão em Mim?

À medida que se morria toda coisa,  
Eu me fui, eu me fui alargando – como o mundo –  
e minha consciência mais larga que o mar!  
Último sol.  
Rebento. Eu sou o fogo, eu sou o mar. O  
mundo se desfaz. Mas eu sou o mundo!

O fim, o fim, dizíamos.

Que tolice! Uma paz proliferante  
de obscuras potências. Brânquias, opérculos,  
palmas, seringas, plumas. Brotam em mim,  
secretamente exigidos, invisíveis e instantes  
por todo o corpo, sentidos.

E aqui estamos presos ao sagrado  
turbilhonando gotejamento primordial  
no recomeço de tudo.

A serenidade parcela a espera em prodigiosos  
cactus.

Todo o possível embaixo da mão.  
Nada excluído.  
O mundo verdadeiramente pela primeira

fois total

Et je pousse, moi, l'Homme  
stéatopyge assis  
en mes yeux des reflets de marais, de honte,  
d'acquiescement  
– pas un pli d'air ne bougeant aux  
échancrures de ses membres –  
sur les épines séculaires,

Je pousse, comme une plante  
sans remords et sans gauchissement  
vers les heures dénouées du jour  
pur et sûr comme une plante  
sans crucifiement  
vers les heures dénouées du soir!

La fin! Quelle sottise!  
Mes pieds vont le vermineux cheminement  
Plante!  
mes membres ligneux conduisent d'étranges sèves  
Plante! Plante!

Le vieil esprit de la terre passe...

Et je dis,  
et ma parole est paix  
et je dis et ma parole est terre  
et je dis!  
et  
la Joie  
éclate dans le soleil nouveau!  
et je dis:  
Par de savantes herbes le temps glisse.  
Les branches picoraien une paix surréelle  
El la terre respire sous la gaze des brumes.  
Et la Terre s'étira. Il y eut un craquement  
À ses épaules nouées. Ily eut dans ses veines  
un pétilllement de feu.  
Son sommeil pelait comme un goyavier d'août

Sur de vierges îles assoifées de lumière  
Et la terre accroupie dans ses cheveux  
d'eau vive  
Au fond de ses yeux attendit les  
étoiles...

“Dors, ma cruauté”, pensai-je.

L'oreille collée au sol, j'entendis  
passer Demain.

vez total

E eu broto, eu, o Homem  
esteatopígio sentado  
em meus olhos reflexos de pântano, de vergonha,  
de aquiescência  
– nenhuma dobra de ar movendo-se nas  
chanfraduras de seus membros –  
sobre os espinhos seculares.

Eu broto, como uma planta  
sem remorsos e sem deformação  
na direção das horas desatadas do dia  
puro e seguro como uma planta  
sem crucifixão  
na direção das horas desatadas da noite!

O fim! Que tolice!  
Meus pés vão verminosa caminhada  
Planta!  
meus membros lenhosos conduzem estranhas seivas  
Planta! Planta!

O velho espírito da terra passa...

E eu digo,  
e minha palavra é paz  
e eu digo e minha palavra é terra  
e eu digo!  
e  
o gozo  
rebenta no novo sol!  
e eu digo:  
Por sábios matos o tempo escorrega.  
Os galhos ciscavam uma paz surreal  
E a terra respirou sob a gaze das brumas.  
E a terra estirou-se. Houve um estalido  
Em seus ombros atados. Houve em suas veias  
uma crepitação de fogo.  
Seu sono descascava como uma goiabeira em agosto

Sobre virgens ilhas sedentas de luz  
E a terra acorçada nos seus cabelos  
de água viva  
No fundo de seus olhos esperou as  
estrelas...

“Durma, minha crueldade”, pensei

Com a orelha colada no chão, eu ouvi  
passar Amanhã.

## Referências

- ALMEIDA, I. A. de. O cristianismo vivo em Clemente de Alexandria. In: *Anais da ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História*. Fortaleza, p. 1-5, 2009. Disponível em [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772004\\_213bfca09a32256cba3969e59a78d934.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772004_213bfca09a32256cba3969e59a78d934.pdf). Acesso em 07/06/2023.
- ALMEIDA, L. P. de. *Vampire liminaire: de Lautréamont aux Césaires*. Würzburg: Verlag Königshausen & Neumann, 2019.
- ARNOLD, J. (Org.) *The complete poetry of Aimé Césaire*. Bilingual edition. Translated by James Arnold and Clayton Eshleman. Introduction, notes and glossary by James Arnold. Middletown: Wesleyan University Press, 2017.
- Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia Almeida Corrigida Fiel*. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/busca?q=gozo&p=2>. Acesso em 09 jun. 2023
- CÉSAIRE, A.; LEINER, J.; MÉNIL, R. (Orgs.) *Tropiques*. Reproduction anastatique de la collection complète. Paris: Jean-Michel Place, 1978.
- CÉSAIRE, A. *Les armes miraculeuses*. Paris: Gallimard, 1970.
- CÉSAIRE, S. *Le grand camouflage. Écrits de dissidence (1941-1945)*. Édition établie par Daniel Maximin. Paris: Seuil, 2015.
- CÉSAIRE, S. *A grande camuflagem. Escritos de dissidência (1941-1945)*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Posfácio de Lilian Pestre de Almeida. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021.
- CURTIUS, A. *Suzanne Césaire. Archéologie littéraire et artistique d'une mémoire empêchée*. Paris: Éditions Karthala, 2020.
- FLORES, G. G. (Org.). *Vozes femininas da poesia provençal*. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2022.
- HÉNANE, R. *Glossaire des termes rares dans l'oeuvre d'Aimé Césaire*. Paris: Jean Michel Place, 2004.
- HENANE, R; RUDELLE, D. *Les armes miraculeuses*, manuscrit inédit présenté para René Henane et Dominique Rudelle. *Mondes francophones*. 02/03/2013. Disponível em: <https://mondesfrancophones.com/mondes-caribeens/les-poemes-inedits-des-armes-miraculeuses-1/> Acesso em: 06 fev. 2023.
- HOUAISS, A. e Villar, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. CD-ROM. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

*La Bible de Jérusalem*. Paris: Les éditions du cerf, 2014.

LÉCRIVAIN, C. Traduire Césaire em espanhol: quelle écriture? *Estudios de Lengua y Literatura Francesas*, n. 3, p. 155-166, 1989.

LEINER, J. *Aimé Césaire. Le terreau primordial*, t. II. Tübinguen: Gunter Narr Verlag, 2003.

DICTIONNAIRES D'AUTREFOIS. Disponível em: <https://artfl-project.uchicago.edu/content/dictionnaires-dautrefois>. Acesso em: 06 fev. 2023.

TOLEDO, M. S. [Resenha] Césaire, Suzanne, 2021. *A grande camuflagem: escritos de dissidência (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. 140 pp. *MANA*, n. 28, v. 3, p. 1-4, 2022.

*Trésor de la Langue Française* online. Disponível no site do *Centre National de Recherche Textuelle et Lexicale*, em <https://www.cnrtl.fr/definition/portail>. Acesso em: 09 jun. 2023.